

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**A CRIANÇA COMO FOCO DO PLANEJAMENTO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE
PROFESSORAS**

ARTIGO MONOGRÁFICO

Giovana Vila Vaz

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

A CRIANÇA COMO FOCO DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS

Giovana Vila Vaz

Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Graziela Escandiel de Lima

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil**

**A comissão examinadora, abaixo assinada,
Aprova o artigo monográfico**

**A CRIANÇA COMO FOCO DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS**

elaborada por
Giovana Vila Vaz

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Graziela Escandiel de Lima

Prof^ª. Dr^ª Cleonice Maria Tomazzetti (UFSM)

Prof^ª. Dr^ª Sussi Abel Menine Guedes (UPF)

Santa Maria, 13 de Setembro de 2013.

SUMÁRIO

1. A MELHOR ESCOLHA.....	6
2. CONHECENDO O CONTEXTO ESTUDADO.....	10
3. DISCUTINDO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: “A CRIANÇA EM FOCO”. 12	
4. ANÁLISE REFLEXIVA	20
5. (IN) CONCLUSÕES.....	23
REFERÊNCIAS	24

A CRIANÇA COMO FOCO DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS¹

Giovana Vila Vaz²

Graziela Escandiel de Lima³

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo sobre como as crianças são “olhadas” para a construção do planejamento, bem como a forma como ele acontece em uma instituição de Educação Infantil. Tendo em vista estas inquietações, objetivou-se discutir e refletir sobre o olhar do professor referente à criança na construção do planejamento. Assim, foram entregues para duas professoras da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo-UFSM, alguns questionamentos que serviram para subsidiar a análise reflexiva frente à pesquisa. Nesse sentido, elas foram questionadas a respeito de suas práticas, com as seguintes perguntas: Qual sua concepção de planejamento?; Quais são os pontos de partida para a elaboração do teu planejamento?; Como tu vês a criança na organização da tua prática? Como professora de crianças pequenas, acredito e defendo que a partir delas possa vir a surgir uma grande temática de trabalho, e o presente artigo, a partir da análise reflexiva dos questionamentos realizados veio ao encontro com minhas concepções, pois ambas ressaltam a importância da criança ser o centro do planejamento, bem como, que o mesmo é um instrumento importante para a organização de suas práticas como professoras.

Palavras-chave: Planejamento. Educação Infantil. Criança.

Abstract: This paper presents a study on how children are "looked" for construction planning, as well as the way it happens in an institution of kindergarten. Given these concerns, it was aimed to discuss and reflect on the teacher's view regarding the child in building planning. So, were delivered to two teachers from kindergarten Unit Yellow Ipe - UFSM, some questions that were used to subsidize the research front reflective analysis. In this sense, they were questioned about their practices, with the following questions: What is your conception of planning?; What are the starting points for the development of your plan?; As you see the child in the organization of your practice? As a teacher of young children, believe and defend it from them may arise a great thematic work, and this article from the reflexive analysis conducted inquiries came to meet with my views, since both emphasize the importance of children being the center of the planning as well, that it is an important tool for organizing their practice as teachers .

Keywords: Planning. Early Childhood Education. Child.

¹ Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, como requisito parcial para obtenção do certificado de especialista, pela UFSM.

² Acadêmica do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, turma 2011.

³ Professora Doutora em Educação, UFSM/CE. Orientadora.

1. A MELHOR ESCOLHA...

Quando eu era criança uma das minhas brincadeiras preferidas era brincar de professor e de fazer comidinha. Tive uma infância muito rica, brincava com terra, com pernas de pau, pé de lata, de fazer roupinhas para bonecas, de cantar... Fui criada pelos avós maternos e pela minha mãe, sempre respeitei a todos e os mesmos são minha referência até os dias de hoje. Participava do time de voleibol da escola, fui líder de turma, adorava estar envolvida em organização de eventos escolares, resumindo, adorava estar dentro da escola. Os anos passaram, minha mãe casou e veio embora para Santa Maria, eu permaneci em minha cidade natal – Rosário do Sul - vindo para Santa Maria em 1997 para fazer o ensino médio na escola Cilon Rosa. Quando estava no último ano do ensino médio resolvi que faria vestibular para Zootecnia, entrei no ponto de corte, mas não consegui, pois minha redação não foi aprovada.

Passou um tempo e eu consegui um emprego na Caixa Econômica Federal, em uma empresa terceirizada, mas minha função era igual à de um caixa normal. Certo dia, em uma das idas ao centro, estavam distribuindo folders do Centro Universitário Franciscano- UNIFRA, sobre o vestibular que aconteceria naquele ano e eu resolvi pegar “sem compromisso”, e dei uma lida nos cursos oferecidos e acabei me interessando por Pedagogia-Habilitação em Educação Infantil.

Agora vem uma parte muito curiosa deste relato, pois eu me inscrevi sem contar para ninguém, detalhe: a faculdade era paga, mas eu me informei dos respectivos valores e não mudava muito do que eu pagava quando fazia cursinho pré-vestibular. No entanto, estava bem decidida, quando saiu a relação candidato/vaga, que era 1.25, ainda assim eu estava com um friozinho na barriga e pronta para a luta. A prova foi de manhã e alguns dias depois saiu o resultado... Aprovada!! Fiquei muito feliz, escutei meu nome no rádio quando eu estava no serviço e quando cheguei em casa dei a notícia que havia passado. A primeira reação foi de susto: “Como assim?!” Mas depois tudo virou alegria e comemoração.

O curso era noturno e teve duração de quatro anos, ingressei em 2004 e saí em 2008. Foram quatro anos de muito aprendizado e de construção de grandes amizades. É importante ressaltar que no ano de 2006, durante o curso teve a uma nova resolução (CNE/CP nº 1/2006), na qual foi unificada a habilitação de Séries

Iniciais e Educação Infantil, ocorrendo assim a transição para um novo modelo de curso, contemplando assim as duas modalidades em um só curso. Assim, no meu diploma, saí habilitada para Séries Iniciais também.

Apesar de estar qualificada para trabalhar com a referida etapa, confesso que não concordo com esta proposição de se realizar a formação concomitante para as duas etapas no curso de Pedagogia, bem como a conservação da mesma carga horária. Acredito que a Pedagogia- Educação Infantil estuda e discute as especificidades e o desenvolvimento da criança pequena de 0 á 6 anos, tendo assim suas características próprias.

Sobre isto, Lima ressalta que:

Os processos formativos propostos nos cursos de Pedagogia pós-DCNs têm deixado a desejar no que diz respeito a aspectos que caracterizam a educação da criança pequena, os quais, pelos processos aligeirados e polivalentes que se instauraram nos cursos de Pedagogia sequer chegam a ser postos em discussão. (LIMA,2010, p.27)

Considerando as questões citadas anteriormente, no decorrer da faculdade resolvi adquirir uma nova experiência e pedi demissão do emprego no qual eu estava para ir trabalhar como estagiária em uma escola de Educação Infantil, pois chegou uma época em que todas minhas colegas relatavam experiências e eu estava sentindo falta de uma orientação para discutir a experiência na área da educação.

Trabalhar lá foi muito bom, pois a proposta da escola girava em torno da construção do conhecimento para e com a criança. Foi lá que aprendi a respeitar a especificidade de cada um deles, pois não precisavam andar “em fila” todos os dias para ir ao lanche ou banheiro, as atividades propostas não deveriam ser com “desenhos prontos”, que as crianças poderiam fazer a releitura de uma obra do seu jeito, bem como conhecer a história de determinado artista plástico. Toda a proposta de trabalho levava em conta a criança e sua “bagagem de conhecimento”. Acredito que uma proposta assim, na qual a criança é o centro do trabalho pedagógico, é de suma importância, pois ela será a protagonista das ações que serão desenvolvidas e mediadas pelo professor. Kohan (2004) diz que as crianças são sobre tudo, possibilidade, potencialidade e, além disso, ressalta que a intervenção educacional

tem um papel preponderante, ou seja, nós professores temos um papel de suma importância frente às crianças, de mediação e olhar atento a tudo que parte deles.

Recordo-me de uma fato, no qual, um dia disse assim para uma criança: *“Fulaninho, desce daí, eu já não tinha mandado tu descer antes!?”* Uma das professoras de outra turma presenciou a cena e disse que o correto não é falar “mandei tu descer” e sim “pedi para tu descer”. Não fiquei ofendida, encarei como um grande aprendizado que carrego até hoje na prática que realizo, e, quando vejo alguma colega falando para alguma criança “eu mandei”, com muita sutileza dou o mesmo conselho.

Na escola em que estava atuando, contratavam para professor alunas de graduação, e eu fui estagiária de uma colega de faculdade. A aprendizagem que tive durante o tempo que permaneci na referida escola foi muito válida, pois a professora regente apresentava qualidades profissionais as quais fizeram com que eu me encantasse cada vez mais pela profissão. Entre as diversas aprendizagens que o tempo como estagiária me proporcionou, o respeito pelo “tempo” de cada criança, é o que eu considero primordial.

Assim que me formei tive que sair de lá, porém, logo consegui emprego em uma creche particular da cidade, este, indicado por uma colega que já trabalhava lá. Era um lugar muito bonito aparentemente e que inclusive durante o curso de graduação eu enxergava da janela da minha sala e dizia: *“Ai que lindo!” Quando me formar quero trabalhar lá”*. Mas com o passar do tempo percebi que eu não estava mais me encaixando naquele grupo, as crianças eram maravilhosas, os pais sensacionais, mas os gestores visavam somente o lucro e não o interesse das crianças.

Logo no final do ano uma colega me indicou uma escola e avisou-me sobre o processo de seleção que aconteceria. Fui até lá, me inscrevi e participei da entrevista.

Para a minha alegria, fui selecionada e eu já sabia mais ou menos como era a proposta de trabalho da escola devido ao fato de minha amiga trabalhar lá também. Fiquei muito feliz e uns dias antes de assumir a turma fui muito bem acolhida pela diretora e tive acesso às pastas com planejamentos e a proposta da escola.

Com o passar do tempo e trabalhando na referida escola, acredito que cada vez mais fui me constituindo como professora de crianças pequenas, pois passaram pela escola professoras de referência do CE-UFSM, que ousou chamá-las de

“Mulheres Leões”, com garra, determinação e muito conhecimento para compartilhar/ensinar. Nesse espaço compreendi e construí até hoje, concepções de atividade, planejamento, registro, observação, todas as ações de muita relevância para quem trabalha com crianças pequenas.

Durante minha trajetória na referida escola, aconteceram grandes mudanças na minha vida, casei, me divorciei, perdi minha melhor amiga... Fiquei sem chão muitas vezes quando isto aconteceu, pois além de grande amiga, era uma grande colega de trabalho, me sensibilizava, tirava minhas dúvidas, trocávamos ideias, era uma troca mútua e uma sintonia belíssima.

Também tive uma grande oportunidade de ingressar no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, e fiquei muito feliz, pois tivemos disciplinas que trabalharam as especificidades da Educação Infantil e isso fez com que eu me apaixonasse cada vez mais pela temática que pretendo seguir futuramente, o planejamento.

Acredito sim, e muito, que as crianças são capazes de construir conhecimento, que a partir delas pode surgir uma grande temática para estudo, basta sensibilizarmos e “treinarmos” nosso olhar para que isso aconteça cada vez mais. Corsino (2009), diz que as crianças são o ponto de partida do trabalho e que a educação é uma possibilidade de ampliação das suas experiências. Contudo, é necessário estarmos atentos a tudo que parte deles, pois levar em conta seus interesses e conhecimentos prévios faz com que o trabalho seja feito e sistematizado para o aprendizado dos pequenos.

Dessa forma, desafio-me a realizar um estudo no qual possa observar se e como as crianças são “olhadas” para a construção do planejamento, bem como a forma como ele acontece. Tendo em vista estas inquietações, objetivou-se discutir e refletir sobre o olhar do professor referente à criança na construção do planejamento.

A necessidade dessa investigação surgiu através de inquietações referentes ao planejamento na Educação Infantil. Estas, também são oriundas das diferentes experiências pedagógicas que tive numa instituição pública e privada na cidade de Santa Maria-RS.

Essas vivências permitiram ainda conhecer alguns elementos que contemplam o planejamento, que era organizado a partir de uma rede temática criada pela coordenação pedagógica, cuja estrutura era composta por datas

comemorativas. Também havia aulas de dança, inglês e música, que eram ministradas por outras professoras. Estas eram inseridas automaticamente nos planejamentos e, era necessário seguir a mesma proposta para pensar o planejamento. Isto fazia com que o mesmo fosse pensado-organizado-estruturado pelas professoras da turma e com base nas redes temáticas cedidas pela coordenação pedagógica.

Sobre isto, Ostetto (2000) defende que o planejamento organizado por datas comemorativas fragmenta os possíveis conhecimentos a serem trabalhados com os pequenos, bem como, os mesmos acontecem de forma descontextualizada. Nestes casos, podemos mencionar questões que envolvem a intencionalidade pedagógica. Será que planejamentos baseados em listagem de datas comemorativas contemplam e fazem sentido para a criança?

Acredito e defendo, que toda ação pedagógica deve ter uma intencionalidade para com a criança, e isto quer dizer que o professor precisa construir concepções sobre como a criança aprende e propor momentos, nos quais ela interaja e seja protagonista do que está sendo proporcionado. Ostetto (2000) infere que o planejamento não pode ficar só na intenção e que intencionalidade é traçar, programar, ou seja, é preciso que se faça algo que tenha sentido e potencialize cada vez mais o que as crianças possam vir a construir.

2. CONHECENDO O CONTEXTO ESTUDADO

“A CRIANÇA ERRA NA GRAMÁTICA E ACERTA NA POESIA” (MANOEL DE BARROS)

Gosto muito desta frase, pois consigo enxergar a criança que frequenta a Educação Infantil, bem como o planejamento. Digo isto, pois quando autor ressalta que a criança “erra na gramática”, eu enxergo aquela criança que fala palavras desconexas, que ainda não as pronuncia corretamente, porém quando ele diz “e acerta na poesia”, eu interpreto como o planejamento, pois independente do jeito que a criança pequena se manifesta, se o professor tiver um olhar aguçado e saber problematizar, com certeza sairá um belo trabalho.

Conforme já exposto, em determinado período, tive a oportunidade de ingressar em um espaço educativo que era caracterizado como um Projeto de Ensino Pesquisa e Extensão do Centro de Educação na Universidade Federal de Santa Maria- CE/UFSM , chamado de Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo (NEIIA). No ano de 2011, o NEIIA passou pelo processo de institucionalização através da Resolução n. 044 (2011), e atualmente é configurado como uma Unidade Federal de Ensino.

A Unidade apresenta um quadro com 14 professores contratados, estes, por uma empresa terceirizada e com a carga horária de 32h semanais. Também conta com um quadro de bolsistas (alunos estudantes do curso de Pedagogia e/ou Educação Especial), que trabalham junto aos professores nas suas respectivas turmas, com a carga horária de 20h semanais.

Os momentos de planejamentos são realizados em turno inverso ao de trabalho e os de formação/estudos acontece pela primeira hora da manhã e/ou a da tarde. As temáticas que direcionam estes momentos de formação/estudos variam de acordo com a necessidade do grupo de professores, estes geralmente manifestam o que gostariam de discutir de acordo com as demandas de trabalho.

Neste espaço educativo, tive a oportunidade de conhecer/aprender uma nova forma de organizar os planejamentos: por projetos. Estes são baseados no interesse das crianças, bem como seu desenvolvimento e sua estrutura. É nesse sentido que consideramos a criança como foco do planejamento e que os momentos deveriam ser pensados em função dela e também com uma intencionalidade pedagógica.

Dessa forma acredito que é de suma importância a investigação sobre o planejamento na Educação Infantil, bem como suas especificidades. Através deste estudo, busca-se conhecer a organização do planejamento, pois se defende que a criança deve ser o foco e o mesmo deve permear seus interesses e a sua realidade.

Em relação a isso, Corsino (2009, p. 113) infere que “[...] as crianças são o ponto de partida do trabalho e que a educação é uma possibilidade de ampliação das suas experiências”.

Tomando como base e considerando o que foi exposto até o momento, para a realização deste estudo, objetivou-se: Refletir sobre as concepções dos professores acerca do planejamento na Educação Infantil; Perceber as intencionalidades do planejamento; Identificar as considerações iniciais do planejamento, “pontos de partida”, bem como, se o professor considera o que é dito pela criança.

Com isso, é importante discutirmos no decorrer do presente artigo algumas concepções significativas como criança-curriculum-planejamento.

3. DISCUTINDO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: “A CRIANÇA EM FOCO”.

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil –DCNEI (2009), a mesma, é caracterizada por ser “um espaço institucional não doméstico, que educam crianças de 0 a 5 anos de idade em período diurno, jornada integral ou parcial”.

Também conforme as DCNEI (2009), no artigo 4º a mesma afirma que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Considera-se que perante a essas interações que o artigo 4º menciona que o professor poderá organizar seu trabalho, focando e considerando a criança como centro do planejamento, a partir de um olhar atento e sutil às ações e interações dos pequenos.

Dessa forma, considera-se de suma importância a articulação e sintonia entre currículo-criança-infância, para se pensar o planejamento.

A criança que frequenta a Educação Infantil deve ser em primeiro lugar respeitada por sua singularidade, pois cada uma delas advém de uma cultura diferente e considerar sua trajetória de vida e suas diferentes linguagens é de suma importância para seu desenvolvimento.

A partir do que nos diz o documento citado anteriormente, considero que seja de suma importância o professor observar atentamente o que parte das crianças. O olhar atento e sensível do educador às diversas situações que surgem no dia-a-dia, levar em conta a fala das crianças, as ações, movimentos, brincadeiras e diálogos entre eles, nos diferentes espaços, se fazem necessários para que se possa

estabelecer momentos de mediação, bem como trabalhar com seus conhecimentos prévios.

Em relação a estes “*momentos de mediação*”, Mello (2010), considera que é importante o professor observar as brincadeiras das crianças, bem como saber o momento certo para poder interferir, sugerir, instigar ou afastar-se para ver quais estratégias os pequenos utilizam para resolverem suas questões.

Essas mediações estabelecidas pelo professor servirão para potencializar cada vez mais seu trabalho frente aos pequenos, pois ao vê-los interagir/socializar, o mesmo saberá o momento certo de fazer a inserção e contribuir para determinada atividade e/ou brincadeira que eles possam vir a elaborar, e, logo apropriar-se desses momentos para planejar e refletir sobre seu atual e futuro planejamento.

Da mesma forma, Vigotski (1987), citado por Mello (2010), afirma que os professores não ensinam as crianças pequenas a criatividade e nem elas a desenvolverem sozinhas, porém, criam as condições adequadas para sua criação.

Essas “condições adequadas”, no meu ponto de vista podem ser elaboradas através de momentos/espacos que o professor mesmo organiza. Por exemplo, na recepção das crianças à escola, o mesmo pode propiciar espacos convidativos e aconchegantes que despertem a atenção dos pequenos, bem como, disponibilizar diferentes materiais em diferentes espacos, nas mesas jogos de encaixe, e em algum “cantinho da sala” livros infantis e fantoches/palitoches.

Em relação a isto, Nunes afirma que:

O espaco pedagógico é privilegiadamente um local facilitador de interações e de confrontos das crianças entre elas, produzindo a chamada cultura de pares. Também das crianças com adultos, quando juntos experimentam a descoberta de ensinar e aprender [...] (NUNES, 2009, p. 41).

É nesses momentos que o professor poderá observar a interação das crianças, tanto com o material oferecido como com o colega, bem como refletir sobre seu trabalho. É também nesse sentido que os espacos podem ser pensados, pois esses elementos relacionam-se diretamente com o currículo em Educação Infantil.

É importante também falarmos sobre o Currículo da Educação Infantil, o qual é concebido pela DCNEI no artigo 3º como:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (DCNEI, 2009).

Estes são os conjuntos de práticas que caracterizam o currículo da Educação infantil, que, por sua vez, deve tensionar e potencializar o trabalho do professor frente à suas práticas, no caso da temática em pesquisa, o planejamento. Oliveira (2011) contribui afirmando que o currículo da Educação Infantil tem funções articuladoras com as experiências e os saberes das crianças, logo, caberá aos professores em suas práticas, dar voz e acolher a forma como as mesmas significam o mundo e a si mesmas.

Nesse sentido, Oliveira afirma que:

[...] organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança- as concepções, os valores e os desejos, as necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo- e a realidade social mais ampla, com outros conceitos, valores e visões de mundo. (OLIVEIRA, 2011, p. 183).

Essas mediações traçadas pelo currículo, no meu ponto de vista enquanto professora de crianças pequenas, deverá envolver e sempre estar em sintonia com nossas práticas, pois a partir disso poderá ser feito um trabalho de qualidade, complementando e significando as vivências dos mesmos.

Gosto muito deste fragmento, no qual Nunes (2012) nos diz: “*conhecer o ponto de partida e construir o de chegada*”. Concordo em todos os sentidos com a referida autora, e busco no meu trabalho frente às crianças, exercer cada vez mais o que o fragmento nos salienta.

De todos os pontos relevantes que norteiam este artigo, também é importante falarmos um pouco sobre *Infância*. Esta, no meu ponto de vista é caracterizada pela fase na qual a criança está em pleno desenvolvimento (físico, social, intelectual, emocional), e este depende do meio que a criança está inserida, ou seja, seu contexto histórico social.

Kramer (2003) menciona que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente. Isto significa que a palavra “*Infância*”, provavelmente não

tenha uma definição pronta, pois a mesma está relacionada conforme a cultura que a criança está inserida.

Com isso, é importante o professor conhecer as especificidades do grupo em qual trabalha, pois cada um advém de um determinado universo social e cultural, e através dessa investigação poderá ter um conhecimento mais amplo e trabalhar na medida e de acordo com as necessidades que o mesmo apresenta.

Essas investigações podem acontecer em momentos de reunião de pais, além de, observar e atentar às interações que os pequenos estabelecem, como por exemplo, quando Nunes (2009) afirma que as instituições voltadas para crianças pequenas devem levar em conta a maneira com ela brinca, suas preferências, pois ambas indicam uma produção de sentidos e ações.

Em um trabalho com crianças pequenas, reconhecer e identificar simultaneamente sua singularidade nos ajuda a conhecer um pouco de sua cultura, sua história.

Sobre isto, Lima refere que:

Sabendo que a infância é também uma fase da vida historicamente situada e que depende da visão dos adultos sobre a mesma, podemos dizer que juntamente com uma idéia de infância construímos uma idéia a respeito de ser criança num contexto determinado por tempo e espaço. (LIMA, 2010, p.45).

Neste caso, é fundamental o professor estar em sintonia com o contexto histórico social da criança, pois assim poderá desenvolver/construir um trabalho de qualidade e o mais importante, de interesse dos pequenos, pois estará levando em conta a realidade dos mesmos.

Um olhar bastante acurado possibilita que o educador compreenda a forma como a criança pensa e age, valorizando e potencializando as necessidades e curiosidades demonstradas por ela, buscando planejar momentos permeados por uma intencionalidade que motive, desafie e desperte o interesse das crianças, proporcionando momentos de interações com todo o grupo. Sobre isto, Ostetto (2000) ressalta que o ato de planejar, pressupõe o olhar atento à realidade.

Na minha prática como professora, trabalho com a metodologia de projetos, na qual o trabalho é baseado a partir de problematizações e, também, tendo por base o interesse e os conhecimentos prévios das crianças. Segundo Barbosa (2008, p. 31), "Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de um grupo,

um modo próprio para abordar ou construir uma questão e respondê-la”. Essa perspectiva possibilita então, a construção de um estudo que, baseado no interesse das crianças e visando a construção de conhecimentos de acordo com as necessidades da turma, permite a realização de atividades criativas, imaginativas, ativas e flexíveis. (BARBOSA 2008).

Acredita-se que o trabalho com projetos possibilita desenvolver na criança pequena, suas necessidades e também potencialidades. Estas percebidas como: construção da autonomia, desenvolvimento das diferentes linguagens; construção da consciência corporal, socialização e da noção espaço- temporal; cuidados com a saúde do corpo; alimentação, hábitos de higiene e sono.

Nesse sentido, Barbosa afirma que:

A proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e de dependência do grupo; momentos de cooperação do grupo sob uma autoridade mais experiente e também de liberdade; momentos de individualidade e de sociabilidade; momentos de interesse e de esforço; momentos de jogo e de trabalho como fatores que expressam a complexidade do fato educativo (BARBOSA, 2008, p. 31).

Assim, nos meus planejamentos, busco contemplar o que Barbosa (2008) defende, pois o trabalho pedagógico é desenvolvido através de atividades lúdicas, de movimento e brincadeira e, através dessas, busca-se instigar e problematizar, a fim de proporcionar a construção de aprendizagens e conhecimentos nas diferentes áreas do saber.

“...trabalhar com criança pequena é mágico!! Nos remetemos a uma esfera na qual a fantasia e o imaginário tomam conta de nosso corpo e mente. Eles são pequenos sim, mas só no corpo físico, pois é com eles que surgem os melhores trabalhos e as maiores alegrias.” Giovana Vila Vaz (mai/13)

Com esta reflexão de minha autoria, começo a falar um pouco sobre a importância da participação da criança na construção do planejamento.

Planejamento na minha concepção é definido como a organização do trabalho para e com a criança. O mesmo serve como norte, como guia da nossa ação pedagógica frente às crianças, e também pode sofrer alterações, ser flexível, pois entendo que o trabalho com crianças pequenas deve estar em torno deles mesmos,

ou seja, sempre que possível partir dos significados e das contribuições que os pequenos manifestam no cotidiano escolar.

Wood (2010) ressalta que as crianças são vistas como informantes e testemunhas especiais. Neste caso, os momentos pelos quais as crianças são *informantes e testemunhas especiais*, a meu ver podem em diferentes espaços, desde a chegada da criança à escola, na hora das refeições, nas brincadeiras em grupo ou isoladas, bem como nas diferentes linguagens que apresentam e produzem na escola.

Sobre isto Nunes nos diz que:

As linguagens são espaços de troca, de relações por excelência. Nesse sentido, os gestos, os balbucios, as caricaturas, as mímicas, os movimentos com o corpo, enfim, as múltiplas linguagens, são possibilidades de expressão de conhecimento e pensamentos acerca do mundo, das culturas; logo, constituem processo importante na formação de identidades, sendo, portanto, um eixo privilegiado de trabalho. (NUNES, 2009, p. 42).

Neste caso, se faz necessário que o professor leve em consideração as diferentes linguagens do grupo, pois ao observar e ouvir as crianças será possível ressignificar suas vontades e preferências, logo, elaborar um planejamento que propicie envolvê-los como participantes e autores da própria pesquisa.

Acredito que através das falas das crianças possa vir a nascer um grande trabalho em sala de aula, digo “*fala das crianças*”, no sentido de o professor ter a sensibilidade de saber “*ouvir*” e interpretar o que parte deles e não apenas “*escutar*”.

Em relação a isto, Belter e Weschenfelder nos dizem que:

As crianças nos mostram isso, nos interrogam, estão o tempo todo a nos apontar novas possibilidades e é esse olhar que precisamos exercitar, para talvez contribuir construindo novas possibilidades de ser: ser docente *para* a criança; ser criança *na* escola: ser escola *da* infância [...] (BELTER E WESCHENFELDER, 2012, p.5).

Um trabalho que é desenvolvido à partir da contribuição dos pequenos, com certeza terá o perfil da turma, pois o trabalho surge através das concepções e conhecimentos prévios investigados pelo professor referente à determinada temática, logo, será de responsabilidade do mesmo, sistematizar essas informações e mediar o trabalho com a turma.

Em relação a isto, Corsino afirma que:

Toda criança é sujeito ativo e nas suas interações está o tempo todo significando e recriando o mundo ao seu redor. A aprendizagem é a possibilidade de atribuir sentido às suas experiências. Planejar inclui escutar a criança para poder desenhar uma ação que amplie as suas possibilidades de produzir significados (CORSINO, 2009, p. 113).

O trabalho pedagógico na Educação Infantil significativamente deve articular dois pontos importantes: interações e brincadeiras. Ambos podem andar juntos, basta o professor planejar sua aula permeada destes, bem como, repleto de experiências desafiadoras, atividades diversificadas e, ao mesmo tempo divertidas. Oliveira (2011) ressalta que essas atividades diversificadas caracterizam-se por explorar a individualização dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, pois as mesmas ocorrem em ritmos próprios, explorando diversas situações, logo, fugindo da mesmice e atos mecânicos.

Apenas ter uma história infantil em mãos e ler para os pequenos, no meu ponto de vista não terá significado, porém, se a mesma for apresentada de outra forma, com cenários, fantoches e mudanças da entonação da voz, bem como, chamar as crianças para encenar/dramatizar e explorar os materiais disponibilizados assim, neste caso, irá chamar a atenção dos pequenos, pois a criança pequena gosta dessas mediações, de ser surpreendida, e ações deste tipo os envolvem cada vez mais.

Relacionando o trabalho pedagógico, interações e brincadeiras, Borba cita que:

Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. (BORBA, 2012, p. 66).

Um planejamento que envolve esses princípios citados acima, tende a ser muito rico e encantador para a turma, pois ao brincar a criança também aprende, cria, transforma, elabora conceitos, bem como desenvolve sua autonomia e ações para com os colegas. Acredito que quanto mais divertida a atividade proporcionada, mais envolvidas as crianças irão permanecer.

Ao se falar de Educação Infantil, também não se pode deixar de refletir um pouco sobre questões que envolvem as Rotinas, pois estas, muitas vezes

dependendo do professor, faz com que tome conta de seu trabalho e por vezes, o mesmo acaba planejando a partir dela (Rotinas) e não para/com as crianças.

Barbosa (2006) comenta que Rotina é uma categoria pedagógica na qual os responsáveis pela Educação Infantil a partir dela estruturam e desenvolvem suas práticas pedagógicas. Com isso, é necessário pensarmos sobre as rotinas, pois é a partir da mesma que estruturamos nosso planejamento bem como organizamos nossas práticas.

Na minha prática como professora de crianças pequenas, busco não ser “escrava” das rotinas, e sim trabalhar de modo que seja considerada a organização direcionada pela instituição. É fato que devemos respeitar horários, em especial os de alimentação, até porque parte-se do princípio que cada instituição de Educação Infantil tenha seu horário/organização para servir as refeições, porém, outros momentos podem ser mais flexíveis e ministrados pelo professor, conforme o ritmo e a especificidade do grupo.

Assim, um planejamento que esteja voltado para a criança, bem como respeitando o ritmo e tempo dela, com certeza terá um envolvimento significativo e prazeroso por parte dos pequenos.

Sobre isto, Nunes contribui afirmando que:

É necessário pensar criticamente o cotidiano, propondo uma educação infantil em que as crianças se desenvolvam, construam e adquiram conhecimento e se tornem autônomas e cooperativas. Cotidiano que em vez de transformar-se numa rotina de espera e *mesmice*, se possa caracterizar como um lugar de produção, transgressão, com o espaço para o lúdico, o afetivo, o artístico, a criação e a troca. (NUNES, 2009, p. 41).

Concordo plenamente com este fragmento da referida autora, pois nos remete a pensar sobre um planejamento que está em torno da criança, desenvolvendo atividades com o propósito de envolvê-las e não deixá-las na “*espera e mesmice*” como a autora menciona.

Todos os pontos citados e defendidos anteriormente no decorrer deste artigo fizeram com que eu repensasse cada vez mais a minha prática como professora de crianças pequenas, bem como refletir sobre o olhar de minhas colegas referentes à criança na construção do planejamento.

Para refletir sobre as concepções de minhas colegas, primeiramente conversei com as mesmas e as convidei para participar da minha pesquisa,

explicitando a temática abordada. Optei por escolher duas professoras, uma na qual as crianças da turma variam de 5 á 6 anos e outra de 2 á 3 anos, isto para ter fazer um parâmetro e refletir sobre suas concepções de planejamento.

Assim, entreguei alguns questionamentos que serviram para subsidiar minha análise reflexiva frente à pesquisa. Nesse sentido, elas foram questionadas a respeito de suas práticas, com as seguintes perguntas:

Qual sua concepção de planejamento?

Quais são os pontos de partida para a elaboração do teu planejamento?

Como tu vê a criança na organização da tua prática?

4. ANÁLISE REFLEXIVA

A presente pesquisa teve a participação de duas professoras Referência da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo-UFSM e discutiu questões referentes à organização do planejamento. Estas permearam entre concepções de planejamento, pontos de partida (para o planejamento), e como elas veem a criança nesse processo de organização das suas práticas.

Sobre as concepções de planejamento, ambas ressaltaram que o mesmo é orientador do trabalho, porém a Professora 1 aprofunda mais seu argumento e evidencia que o planejamento é um documento que orienta as práticas educativas em todos os níveis da Educação Básica. Sua fala exemplifica a concepção exposta:

Sendo assim, considero que o planejamento é um documento pedagógico, no qual o educador registra sua intencionalidade através de objetivos gerais e específicos. Estes expressos e materializados por meio das atividades, as quais são planejadas a partir de um exercício reflexivo: observação-ação-reflexão e, nesse sentido, destaco a importância do registro (a memória do educador) (PROFESSORA 1).

Neste trecho, destaco a relevância que a referida professora faz ao três eixos, observação-ação-reflexão, com os quais pode se perceber um “movimento” para planejar, ou seja um complementa o outro na perspectiva de pensar o seu planejamento, permitindo repensar e ressignificar sua prática.

Já a Professora 2 manifesta em sua fala que procura desenvolver no seu planejamento atividades que contemplem as necessidades observadas no grupo de crianças, as quais acredita serem necessárias para o bom desenvolvimento infantil.

A questão sobre os “os pontos de partida para a elaboração do planejamento” também foram pontos de reflexão propostos às professoras e ambas destacaram a inserção da criança neste processo. A professora 1 ressaltou que começa seu planejamento “(...) *a partir da reflexão sobre a fala das crianças*”, bem como considera o registro e a reflexão de suma importância para estas ações.

Em relação a isto Segat refere que:

É um documento pessoal, íntimo e espontâneo, no qual o professor pode manter uma descrição e reflexão contínua do seu trabalho, estabelecendo uma conversa reflexiva com o seu fazer, onde se explicitam suas percepções, sentimentos, concepções, elaborações, sucessos, conhecimentos, limites, bem como o caráter das relações que se estabelecem na instituição. Os registros ainda podem fazer emergir a análise do próprio exercício docente e do desenvolvimento profissional do professor. (SEGAT, 2009, p. 55)

A Professora 2 evidencia que procura trabalhar a partir das “*necessidades observadas no dia a dia das crianças, na sala, individual e coletivamente*”. Assim a mesma ressalta:

(...) se observo que uma criança está com dificuldades de se relacionar com outras dentro da sala, (percebo isso quando ela costuma se isolar, ou mesmo agredir os colegas), então no meu planejamento tento trabalhar com questões de convivência em grupo, respeito ao colega (...) (PROFESSORA 2).

Com isso, percebemos que a referida professora não se baseia somente na fala das crianças e sim, em alguma situação que a turma está vivenciando, seja em algum caso específico ou no grupo em geral.

Ostetto também contribui sobre isto e cita:

Como um processo reflexivo, no processo de elaboração do planejamento o educador vai aprendendo e exercitando sua capacidade de perceber as necessidades do grupo de crianças, localizando manifestações de problemas e indo em busca das causas. (OSTETTO 2000, p. 178)

Ou seja, um educador que é sensível às demandas da turma, só de observar e conhecer o grupo com o qual trabalha já é significativo para pensar uma proposta de trabalho.

A última questão abordou como as professoras “percebem a criança na organização de suas práticas”, e, ambas mencionaram a criança como foco.

A Professora 1 destacou que compreende a criança como “*sujeito do processo educativo*” e pensa que a mesma deve ser o centro do planejamento, destacando assim:

Compreendo a criança como sujeito do processo educativo e, por isso, penso que esta deva estar ao centro do planejamento, ou seja, acredito que todo o processo reflexivo do planejar, no qual enquanto educadores, projetamos nossa intencionalidade, deve estar voltado para a criança. Por isso, a partir da reflexão realizada com base nos registros construídos acerca das interações do grupo, tento propor atividades que vão ao encontro do que está latente nas falas das crianças, assim como, de uma necessidade que possa surgir e, que, percebo no cotidiano da turma. (PROFESSORA 1)

Percebe-se através deste pequeno trecho de sua escrita, que a referida professora ressalta mais uma vez a importância da articulação entre REGISTRO-REFLEXÃO para que, baseada nas contribuições das crianças, ela possa vir a planejar algo significativo para elas. As considerações da Professora 1 vem ao encontro do que Barbosa e Horn (2008) destacam, quando ressaltam a importância da “*escuta atenta*” e do “*olhar perspicaz*”, ou seja, é importante o professor desenvolver capacidades de observar, de escutar o que está circulando no grupo de crianças para a construção de um trabalho significativo e com qualidade para os mesmos.

A Professora 2 relata que a criança é o “*foco do seu trabalho diário*”, e menciona que além de estar atenta à fala dos pequenos, também observa outras ações:

(...) procuro estar vigilante a todas as falas e também aos seus gestos e ações, pois a criança se expressa não somente pela fala, mas pelas suas atitudes, movimentos, e até mesmo através de um choro. (PROFESSORA 2)

Com isso, percebe-se que a referida professora tem seu olhar atento e perspicaz a outros movimentos da turma e não somente à linguagem oral, considerando assim outras linguagens como, corporais, afetivas e sociais.

5. (IN) CONCLUSÕES...

Encerro este trabalho muito feliz e acreditando cada vez mais no que defendo: que as crianças podem e devem ser levadas em conta na estruturação e organização do trabalho pedagógico. Acredito e defendo, que toda ação pedagógica deve ter uma intencionalidade para com a criança, e isto quer dizer que o professor precisa construir concepções sobre como a criança aprende e propor momentos, nos quais ela interaja e seja protagonista do que está sendo proporcionado.

Na escrita de minhas colegas referente a Concepções sobre o Planejamento na Educação Infantil também percebi isto, e estas questões fazem com que a gente acredite mais em nosso papel de professoras de crianças pequenas. Como cito no início deste trabalho, tive experiência em outros espaços educativos, no entanto exalto o quanto meu atual local de trabalho me fortaleceu como profissional da Educação Infantil, pois nesse espaço compreendi e construo até hoje, concepções de atividade, planejamento, registro, observação, todas as ações de muita relevância para quem trabalha com crianças pequenas.

O curso em questão também contribuiu muito para minha formação, pois só veio a somar às concepções construídas e aprendidas no decorrer do trabalho e estudo. Destaco também a importância de ter a participação de duas colegas de trabalho na presente pesquisa, pois ambas tiveram uma trajetória parecida na escola, sendo que as duas foram bolsistas e atualmente fazem parte do quadro de professoras da Unidade, vivenciando, assim como eu, todos os momentos de formação proporcionados pela mesma.

No entanto, reforço com muita emoção o seguinte fragmento que Nunes (2012) salienta: *“conhecer o ponto de partida e construir o de chegada”*. Concordo em todos os sentidos com a referida autora, e busco no meu trabalho e também a partir de agora, cada vez mais trabalhar para e junto à criança, andar ao lado dela, construir uma proposta de trabalho na qual a mesma seja protagonista das ações e que estas sejam significativas para seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem. HORN, Maria da Graça. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELTER, Luciléia; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. Conhecendo as culturas da infância: possibilidades de participação das crianças no cotidiano escolar. In: IX ANPED Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, **Anais eletrônicos**. Caxias do Sul, 2012. ISBN: 978-85-7061-657-9. Disponível em: <<http://www.portalanpedsul.com.br/home.php?link=publicacoes&sublink=publicacoes>> Acesso em: junho, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. KRAMER, Sônia: **A infância e sua singularidade**. Brasília, 2007.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1/2006. **Resolução sobre as Diretrizes Curriculares para a Graduação em Pedagogia**. Aprovada em 15 de maio de 2006.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 5/2009. **Resolução sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Aprovada em 17 de dezembro de 2009.

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (ORG.): **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p.65-74.

CORSINO, Patrícia (org). **Educação Infantil: Cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

KOHAN. Walter. O (org). **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro, RJ: DP & A, 2004.

LIMA, Graziela Escandiel de. Cotidiano e trabalho pedagógico na educação de crianças pequenas: produzindo cenários para a formação de pedagogos. PUC-RS.

Porto Alegre, 2010. **Tese (Doutorado em Educação)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

MELLO, Suely Amaral; FARIAS, Maria Auxiliadora. A escola como lugar de cultura mais elaborada. **REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO**. Dossiê: Infância e Educação Infantil Santa Maria, vol. 35, n.1 p. 53-67, jan./ abr.2010.

NUNES, Maria Fernanda Rezende: Educação infantil: instituições, funções e propostas. In: CORSINO, Patrícia: **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p.31-45.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil fundamentos e métodos**. 7. ed, São Paulo, Cortez 2011.

OSTETTO. Luciana Esmeralda (org). **Encontros e Encantamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SEGAT, Taciana Camera. **Didática**: 2º semestre. Ministério da Educação. Universidade Aberta do Brasil. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Curso de Graduação em Pedagogia, 2009.

UFSM. Universidade Federal de Santa Maria. **Resolução n. 044/ 2011**. Disponível em: <<http://portal.ufsm.br/documentos/documentos/arquivo.html?arquivo=713>> Acesso mai. 2013.

WOOD, Elizabeth. Ouvindo as crianças pequenas: múltiplas vozes, significados e compreensões. In: SMITH, A.; CRAFT, A. (ORG.) **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2010, p.136-151.